

O drama de um mulato: as “portagens” de João Xilim por Moçambique colonial

Clauber Ribeiro Cruz¹

Resumo: Este artigo irá evidenciar as relações do romance *Portagem*, do escritor moçambicano Orlando Mendes, juntamente ao contexto histórico em que a obra é criada: o colonialismo português. Através de um panorama opressivo e dominador, o romance salienta os dramas humanos de toda uma nação centralizados na personagem central do romance, o mulato clandestino João Xilim, cuja grande inadaptabilidade agônica é exposta a um ambiente cercado pelo medo e pela insegurança. Nascido do encontro entre colonizados e colonizadores, os dramas de um mulato ganham destaque na análise, haja vista que as relações estabelecidas pelo autor-criador, como nação e narração, convergem para o destino de um mulato a fim de representar o desejo de um novo tempo africano. Portanto, as reflexões entre Literatura e História irão mesclar-se ao fado do herói João Xilim, revelando o instante da luta pela libertação política-literária de toda uma nação.

Palavras-chave: Literatura Moçambicana. *Portagem*. Colonialismo. Orlando Mendes.

Assim como a burguesia propõe uma imagem do proletário, a existência do colonizador reclama e impõe uma imagem do colonizado. (MEMMI, 1977, p. 77)

A história mundial está marcada pelos inúmeros regimes

¹ Doutor em Letras. Docente na Universidade Estadual Paulista, Departamento de Literatura: Literatura e vida social.

Revista Língua & Literatura	Frederico Westphalen	v. 15	n. 24	p. 203 - 222	Recebido em: 17 maio 2013. Aprovado em: 19 ago. 2013
-----------------------------	----------------------	-------	-------	--------------	---

e conflitos gerados pelo homem em sua busca incansável pelo poder ao longo dos séculos. As navegações de exploração por novos territórios além-mar, envoltas pelo desejo do poder e da dominação do outro, incitam muitos enfrentamentos desumanos, culminando em Guerras Coloniais, nas Guerras Mundiais e também no desaguar das Guerras Civis. O resultado destes atos atrozes converteu-se em muita destruição, dores e numa fratura incurável do ser, que, fragilizado, tenta gradativamente recompor-se em meio a esta grande tragédia pertencente à trajetória da história humana.

A fim de alcançar a supremacia da ordem mundial, a brutalidade oriunda do ser alcançou limites intransponíveis, ultrapassando toda a ética e o respeito à espécie humana; aliás, esta foi a que menos ganhou nesta “corrida” pelo poder, já que a preservação da vida foi substituída pela força da ignorância humana, culminando na destruição física e, sobretudo, subjetiva, pois as dores instaladas na alma daqueles que foram desmantelados pelas barbáries ao longo dos séculos, têm seus destinos fragilizados pelo espanto e pelo medo.

O desdobramento destas investidas debilitou, sobretudo, a parte mais fraca da sociedade - os seres marginalizados -, principalmente aqueles que tiveram a nação “rasgada” pela parte externa e depois interna, isto é, quando os colonizadores tomaram posse da geografia das nações, as quais já tinham a presença de seus habitantes nativos, o espaço foi “dilacerado” e invadido externamente; posteriormente, quando a invasão teve a intenção de embrutecer a população e torná-la aspirante do espírito do colonizador, os sentimentos e os valores que permeiam o interior dos autóctones foram quebrados em pequenas, confusas e dolorosas partes.

O romance *Portagem* (1981)², do escritor moçambicano Orlando Mendes³, *corpus* deste artigo, tem como contexto histórico o panorama moçambicano da época colonial, concen-

2 O romance *Portagem* é publicado pela primeira vez em 1966 pela *Coleção de Prosadores de Moçambique*, pela Editora Notícias da Beira, mas a versão que será utilizada neste artigo será a de 1981, da *Coleção Autores Africanos*, da Editora Ática. Além desta edição, há outra publicação feita também na década de 80, em Maputo, pelo *Instituto Nacional do Livro e do Disco*, numa tiragem de 1000 exemplares.

3 Orlando Marques de Almeida Mendes, nasceu na ilha de Moçambique no dia 4 de agosto de 1916. Poeta, contista, romancista, dramaturgo e crítico literário, tem larga colaboração dispersa pela imprensa moçambicana e portuguesa. Falece em 1990, em Maputo.

trado nos anos de 1950. A obra representa uma área desolada pela invasão portuguesa repleta pelo preconceito e pela injustiça social elevados a um grau tão intenso que a divisão populacional entre bárbaros e civilizados acentuam os dramas de uma nação em estágio de (de)formação. João Xilim, protagonista do romance, é o grande representante desta demarcação social, em que os seres postos à margem pelo imperialismo colonial tornam-se estrangeiros de sua própria nação.

No romance é possível observar esta sensação de domínio mais claramente, uma vez que o tratamento dado à população nativa pelos colonizadores e colonos brancos é exposto: após os habitantes do bairro do Marandal serem expulsos de suas palhoças, os brancos decidem construir um bairro somente para eles, assim, as personagens são obrigadas a deixarem a sua terra - na qual viveram por seguidas gerações - para darem lugar às futuras moradias dos colonizadores que irão construir ali um bairro à europeia. Com esta decisão, a população miserável deixa as suas moradas e partem para um destino sem endereço, caminhando por uma terra desconhecida:

Vieram também os homens que fugiram das povoações acoçados pela seca e os que tinham ido para o interior à procura de emprego e voltaram desiludidos. Os braços enrijaram e agora ajudam a transportar a madeira velha e o zinco remendado das casas de mulheres viúvas e sem filhos homens para ajudar. Os trabalhadores do bairro europeu que já começou a construir-se, pararam, por momentos, as suas tarefas, para contemplarem o início da debandada, a verem os exilados caminhando, sem olharem para os lados, levando as suas casas desmontadas e os trastes. As mulheres pisam o mesmo caminho, com as coisas à cabeça, objetos que só têm serventia para gente pobre. (MENDES, 1981, p. 122-123)

Escrito na década de 50, mas só publicado em 1966, o romance *Portagem*, segundo o próprio autor, é um “velho romance de um tempo que nem calado se podia pensar em nossa vida” (MENDES, 1981, p. 2). O espaço de tempo entre a criação da obra e a sua publicação, por volta de dezesseis anos, acontece devido ao controle lusitano em Moçambique, que submeteu a população local ao árduo trabalho escravo e à censura, deixando-a sem voz ativa diante das escolhas do colonizador. Assim, conforme

cita Orlando Mendes, a época do colonialismo em Moçambique tanto repreendia a população quanto as publicações dos *velhos romances*, pois pensar sobre a vida e escrever sobre ela, certamente, causariam graves consequências. Portanto, o silêncio reinava da mesma forma que o regime imperial.

A censura instaurada pelo colonialismo manteve o exame dos trabalhos artísticos, jornalísticos produzidos na época, este fato provocou um grande atraso no desenvolvimento cultural do país, já que o modelo colonial estava pautado no regime salazarista português, pois desde 1926 a ditadura portuguesa era muito repressiva e tinha um sistemático controle sobre aquilo viria ou não a ser publicado. Ao mesmo tempo em que a censura colonial “fomentou” o fortalecimento da cultura colonial, ela também incidiu no atraso do desenvolvimento da literatura africana:

Embora houvesse muitas traduções portuguesas de literatura de outras línguas, o clima político em Portugal limitou a esfera daquilo que era aprovado. Afortunadamente para aqueles que em África apenas podiam ler português, muita literatura e textos políticos vinham através do Brasil. No entanto, a limitada perspectiva do Estado Novo, acerca do que considerava “cultura” aceitável, impôs limites sérios na vida cultural das colônias, a censura era incapaz de “limpar” completamente a literatura a que o público tinha acesso, em especial o neorrealismo, que lidaram frontalmente com as questões da época e que tiveram importância e repercussão nas colônias. A atmosfera cultural da colônia era assim restrita, apenas estremecida pela oposição portuguesa “progressista”, e não conformista, que aí vivia na época. Mas mesmo esta faixa de gente teve a maior dificuldade em remar contra o atoleiro cultural oficial, fazendo-o veladamente e correndo riscos pessoais. (CHABAL, 1994, p. 31)

Havia uma forte censura para a veiculação dos jornais locais, principalmente para produções de textos, obras e notícias relacionadas à temática do colonialismo. As publicações em Moçambique eram muito precárias, havendo casos de autores que tinham primeiro as suas obras publicadas fora de seu país para, posteriormente, tê-las divulgadas em território nacional. Haja vista que, quando a publicação ocorria, a difusão e o conhecimento da obra eram muito fracos, pois o público leitor era/é muito restrito.

Mas com o surgimento da FRELIMO – Frente de Libertação Moçambicana -, no início dos anos 60, um respaldo maior foi dado e assegurado aos escritores, muitos dos quais também eram membros da Frente de Libertação do país. Com isso, a sensação de um novo momento, - mais próximo da tão esperada descolonização - é instaurada aos poucos no território e, conseqüentemente, com a diminuição da censura, os textos vêm à tona, quebrando o silêncio de um tempo que era proibido a propagação de ideias, pois o desenvolvimento intelectual resultaria no questionamento do sistema colonial pelos nativos, tudo que Portugal não queria.

Portagem, portanto, atua na tentativa da criação e do enriquecimento de um espaço literário nacional em Moçambique, pois é escrito em meio ao panorama anticolonial, em que a literatura é um instrumento cívico, de conscientização. Com isso, o romance contribui para o fortalecimento da sistematização da literatura moçambicana em espaço de formação, pois a obra representa um momento muito importante para o desenvolvimento literário e social em Moçambique, uma vez que os textos, contextos e temas estão, paulatinamente, envolvidos, engajados e estimulados pela temática central do período: o anticolonialismo.

Tal como na passagem seguinte, na qual o autor-criador destaca o trabalho da imprensa local do vilarejo moçambicano: após João Xilim ter salvado Maria Helena e Lenita de um incêndio, a equipe de imprensa convida Xilim para uma comemoração, numa espécie de coletiva de imprensa, na qual o jornal *Mensagem Africano* – possivelmente uma alusão ao *Brado Africano* e *O Africano*⁴ – traz seus repórteres e editor para cobrir a celebração. Além disso, é possível que Mendes quisesse salientar a iminente imprensa no país e a importância de exaltar não somente notícias externas, mas de seu povo e sua população local:

A sala está cheia até à porta. Muito antes da hora marcada, as cadeiras ficaram ocupadas pelas mulheres e raparigas. Aparece também o Redator do *Mensagem Africano*. E a festa adquire um maior significado para os

⁴ “*O Brado Africano*, o jornal oficial do Grémio Africano, que continuou a tradição de *O Africano*. Com algumas interrupções e algumas mudanças editoriais significativas, *O Brado Africano* foi publicado até 1974. Apesar da periodicidade irregular, foi a publicação indígena mais significativa durante esse período. Abordava muitos assuntos de importância cultural e permitiu muitos escapes à literatura moçambicana (mestiça, africana e mesmo branca). Muitos dos atuais escritores publicaram pela primeira vez em *O Brado Africano*”. Patrick Chabal. *Vozes moçambicanas: literatura e nacionalidade*. Lisboa: Vega, 1994, p. 41.

organizadores e para a assistência porque sabem que no próximo número do jornal virá uma notícia na primeira página com a reportagem da festa e a notícia dos fatos do incêndio devidamente retificados. (MENDES, 1981, p. 111)

Assim sendo, com o fortalecimento de uma Frente de Libertação em mobilização, junto aos textos libertários que (re)nascem neste período, desencadeia-se o desenvolvimento do movimento nacionalista em Moçambique mais proficuamente, tanto politicamente quanto literariamente. Pois a política de independência estimulou a literatura de resistência.

A partir dos anos 60, boa parte do continente africano se torna independente e, conseqüentemente, surge um ambiente menos nocivo ao controle colonial. Como um dos resultados, inicia-se uma nova fase da literatura africana, em que as vozes dos seres marginalizados por este período tortuoso ganham o centro das representações literárias, dando destaque tanto ao período angustiante que vivenciaram quanto às condições desumanas que foram deixados, além do sentimento de prosperidade e transformação que guiam e envolvem os seus destinos partidos e fragmentados pela crueldade e violência instauradas. Mesmo que as sensibilidades sejam mais preenchidas pelas incertezas do que pela alegria, o que movimenta tanto a representação literária quanto a realidade e o desejo nacional é justamente essa sensação imprecisa, entretanto, guiada pela esperança.

O contexto que o romance *Portagem* se insere é anterior à independência do país, no entanto, é uma das primeiras vozes literárias moçambicanas a ecoar sobre as linhas o tão almejado desejo de um país independente das mãos dos colonizadores portugueses, na verdade o romance é um grito de clamor de uma sociedade violentada pelo colono em sua essência (a essência do ser humano quanto sujeito), a qual é destruída brutalmente, tanto que João Xilim, personagem-protagonista, irá carregar esta marca no romance, perambulando por uma terra devastada pelo “branco civilizador”, o qual se enriqueceu em detrimento da destruição de uma cultura, de um povo.

Além disso, o romance retrata o panorama racial e protestatório moçambicano através dos conflitos e disparidades que se instalam nas relações sociais, políticas, raciais, culturais etc., que

o período colonial envolve. Estes dramas são representados por meios das várias personagens que irão cruzar os vinte e oito capítulos do romance, tecendo um grande emaranhado de conflitos sentimentais que compõe a obra, contudo, a personagem que irá protagonizar e carregar a narrativa ao longo de sua trajetória, representando, portanto, os dramas e desilusões de toda uma nação, é João Xilim, o mulato Xilim.

A obra foca uma sociedade na qual o mulato João Xilim irá perambular intensamente por onde os seus sentimentos lhe levarem, visto que está cercado pelos efeitos que a situação social irá transferir a sua vida através da construção de suas relações. Ser mulato numa sociedade que, apesar de heterogênea, ainda muito racista, devido, também, à presença colonial portuguesa, que não soube tratar o seu semelhante com a dignidade que qualquer ser humano merece ser tratado, cria um ambiente em que a cor mulata torna-se sinônimo de muita dor e preconceitos.

João Xilim está destinado a ser um indivíduo sem pátria e sem identificação, pois por mais que tente criar vínculos afetivos e físicos, encontra-se sempre numa posição de trânsito potencializada pelo preconceito racial e social que vive; logo, precisa locomover-se constantemente para buscar um sentido mais palpável a sua existência, como não consegue encontrá-lo, vive um “destino sem passaporte”: um grande clandestino de sua própria morada fugindo de si mesmo eternamente.

Através dos possíveis vínculos que cria ao longo da narrativa, a personagem vaga sem destino por vários ambientes, experimentando múltiplas sensações, na sua grande maioria sentimentos de solidão e desprezo. Este processo o coloca normalmente numa situação inadaptável, por mais que percorra por diferentes ambientes, a fuga do si mesmo será acentuada, visto que cada vez que retorna, diferencia-se de si próprio e dos outros que por ali ficaram.

No livro de Marc Augé, *Não-lugares*, o etnólogo francês faz uma análise dos *lugares* e dos *não-lugares* da considerada, por ele, *supermodernidade*⁵, revelando a constante situação de trân-

⁵ “O mundo da supermodernidade não tem as dimensões exatas daquele no qual pensamos viver, pois vivemos num mundo que ainda não aprendemos a olhar. Temos que reaprender a pensar o espaço”. Marc Augé. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994, p. 37. O estudo de Marc Augé neste livro destaca a circulação acelerada de uma sociedade inserida nos grandes centros urbanos em transformação, a qual revela tanto uma aparente positividade nas relações feitas neste espaço, quanto

sito que o homem moderno está inserido, tendo que perambular por diversos espaços, pelos quais simplesmente passa com a velocidade adquirida pelos hábitos frenéticos da vida moderna; deste modo, não cria laços de pertencimento nem de convivência, como, por exemplo: aeroporto, rodoviária, supermercados etc., exemplificam os locais pelos quais passamos sem notarmos a nossa presença factual por eles. Com isso, há a diluição de um possível fortalecimento ou mesmo a busca por uma identificação e identidade com determinado local.

Mesmo que João Xilim não frequente os locais propriamente denominados como “supermodernos”, assim como definido por Marc Augé, a constante circulação e fuga de si mesmo serão acentuadas numa terra que o repele constantemente, já que representa a mestiçagem cultural em Moçambique, símbolo de desconfiança e de muitos preconceitos. Com isso terá que viver a solidão de si mesmo, experimentando e percebendo outras realidades, das quais precisará absorvê-las a fim de aumentar as suas chances de (re)adaptação a um espaço miserável, violentado e seco.

Como o estigma da cor mulata o repele frequentemente, não tem outra alternativa senão fugir eternamente, como mesmo dito pelo narrador do romance, Xilim é “um emigrante sem passaporte”, logo é uma personagem solitária: “O espaço do não-lugar não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude” (AUGÉ, 1999, p. 95).

Esse distanciamento o imerge cada vez mais em um dos polos que deveria centralizá-lo quanto sujeito, isto é, o seu pertencimento e a configuração de sua identidade ao espaço local. Por isso, na verdade, a sua tradição familiar, a sua origem, a sua memória, ficam cada vez mais distantes da personagem; o mundo no qual cresceu parece estrangeiro dele mesmo, por sua vez, foge com o intuito de salvar-se:

o menino do Marandal estava ainda crescendo para ser um homem sem lugar próprio na sua terra, porque fogira do Marandal e era filho da negra Kati que se

um ambiente de fuga e desilusão, pois ao mesmo tempo em que uma rede de relações coletivas é criada, as necessidades pelos particularismos também são acionadas, resultando na solidão ou na busca pela sua terra natal, ou seja, um retorno as suas raízes. Assim como o destino de Xilim, por mais que busque a sua autodescoberta através dos laços sociais/coletivos, não verdade isola-se cada vez mais ao perceber a solidão inevitável de sua trajetória diante do todo que o circunda.

entregara a patrão Campos e fora moleque da menina Maria Helena. E o mulato continuava a precisar de fugir. (MENDES, 1981, p. 23).

Através desta situação, revela-se uma força dual que irá desestabilizá-lo frequentemente na narração, desencadeando uma grande tensão à narrativa e à personagem. O polo que abarca essa tensão é o confronto entre o seu local de origem – configurando a sua ancestralidade, memória, história – e a tensão com o poder de ordem mais externo, global, num ambiente de “maior desenvolvimento e modernização” – a área tomada e injetada pelos ares de progresso dos colonizadores.

Em meio a um ambiente com uma maior propensão ao domínio colonial, já que inicialmente o combate do colono contra o colonizador é desfavorecido, pois não tinha o mesmo poderio bélico e nem mesmo a estrutura política do invasor, um forte impasse ocorre na efetivação da origem de João Xilim, pois seus sentimentos e apegos à sua família são abalados, pois ora tenderá para as peculiaridades locais, ora para as globais.

Portanto, a saída que encontra para tentar sanar estas solidões e desilusões é a fuga, isto é, deixa de lutar pelos seus desejos, como, o seu amor, a sua família, e busca preencher os vazios que estas desilusões provocam em sua estirpe fugindo, não enfrentando os seus medos e injustiças sociais, em suma, reprimisse, afasta-se de seu vilarejo e acaba distanciando-se da sua real história.

Assim, a sua caminhada pelos inúmeros locais que irá passar configura uma jornada eternamente cíclica, entre muitas idas e vindas por uma terra estrangeira. Poucas vezes terá uma mudança positiva durante as suas “portagens”, na sua grande maioria, a sua indecisão é adensada e, com isso, se perde ainda mais. Desta maneira, Xilim firma cada vez mais a sua condição de forasteiro, sem lugar, sem identidade e sem história, por fim um ser deslocado num *não-lugar*: “Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar” (AUGÉ, 1999, p. 73).

A história de João Xilim passa a ser delineada e, ao mesmo tempo, direcionada, através de uma grande desilusão traumática

que marca a sua vida, sendo que a origem deste fato está conectada à sua procedência biológica, conforme a sua própria história confirma: João Xilim, antes de saber da sua verídica origem, cresce convencido de que tem como mãe a negra Kati e como pai o capataz Uhulamo. Mas quando alcança o fim de sua adolescência, descobre, acidentalmente, que não é filho biológico do capataz Uhulamo com a negra Kati. Este evento permite que a válvula desencadeadora de toda a sua trajetória como um herói clandestino fosse acionada. João Xilim é fruto do abraço mal infamado entre um português com uma mulata. A sua mãe, a negra Kati, se envolve com um branco-português, e não era qualquer branco, era o patrão Campos, o mais importante branco-português-colonizador e dono das minas de carvão nas terras do Marandal.

Com o despertar deste sentimento angustiante, Xilim foge para terras distantes e é apresentado à vida mundana. Jaime, seu colega fogueiro, que conheceu numa viagem por outras terras, o inicia nas malícias perversas do mundo. Ele passa por uma espécie de ritual de iniciação com o fogueiro, pois deixa o “conforto” do espaço materno para ir em busca de seu próprio destino. Ou seja, abandona a sua vida submissa às ordens familiares e, como um adulto “independente”, começa a traçar o seu próprio caminho, embora a fragilidade e o fracasso já façam parte de sua percepção:

E o mulato fugido do Marandal vinha mostrar-lhe uma existência de sensibilidade, pudor, desejo e iniciação, insuspeita por ele. E tentava explicar:

-Olha, tu nunca viste que o mar está sempre a crescer na praia e a fugir? Minha vida era assim a boiar nessa água. Eu às vezes queria ficar quieto mas vinha uma onda e atirava a mim para as rochas. E havia sempre gente que me encontrava e me batia e se ria de mim e me estava sempre a intrujar (MENDES, 1981, p. 24).

Antes de seguir adiante com a ordem cronológica da narrativa, voltemos a sua infância: um pouco antes do seu passado vir à tona, Xilim era o moleque da casa grande da mina de carvão do patrão Campos, pois fora “escolhido” entre vários moleques para fazer companhia à pequena Maria Helena, filha de D. Laura com o patrão Campos. Desta amizade surge seu primeiro amor de infância, no entanto, um amor proibido, pois Maria Helena, sendo filha do patrão Campos, conseqüentemente, Xilim, por

parte de pai, seria meio irmão da menina, assim, caso uma relação foi consumada, o incesto surgiria como uma situação inaceitável pela sociedade colonialista, além claro da própria união da senhorinha branca com o mulato e pobre Xilim.

Embora Maria Helena nunca venha a saber comprovadamente que Xilim é seu meio irmão do Marandal, somente Xilim, a relação incestuosa se dá de modo consciente por parte do mulato, contudo, enquanto ainda eram crianças, a ingenuidade bela do amor da infância os envolvia numa relação afetuosa e sem malícias:

A filha do patrão campos tinha onze anos e o seu moleque doze. Nenhum deles suspeitava de que pudesse haver maldade nos seus gestos, palavras ou pensamentos. Mas gostavam ambos de despertarem-se mutuamente, agora uma prova de ternura até às lágrimas, logo em seguida um desprezo ofensivo que novamente se resolve numa reconciliação afetuosa (MENDES, 1981, p. 12-13).

Ao entrar na vida adulta, após a morte de seu pai biológico – João Xilim descobre que é filho do patrão Campos pouco antes dele falecer, não tendo a chance, portanto, de conhecê-lo como “pai” -. Com isso, Xilim e Maria Helena são reaproximados por um sentimento envolvente, que tem no carinho e na fraternidade uma autêntica sinceridade. Ambos, por sua vez, perdiam o mesmo pai, só que somente João Xilim sabia disso.

Todavia, esta união seria uma grande ofensa à sociedade vigente, uma vez que estavam cercados pela moral racial acentuada pelo colonialismo. Com a morte do pai, Maria Helena assume o gerenciamento das minas de carvão e, como primeira decisão, pede para que João Xilim a auxilie no encargo; com isso, a aproximação deles foi inevitável e justamente por conta deste contato diário, que, muitas vezes dava-se intimamente, João Xilim é convidado pela própria dona das terras a ir embora.

Como o nobre sentimento da compaixão o move veementemente, independente da dor que virá posteriormente a sua decisão, decide fugir novamente, deixando Maria Helena seguir a seu destino liberto das marcas que o preconceito da suposta união entre eles carregaria:

Pega-lhe na mão. João Xilim estremece e aperta ao de

leve, muito suavemente, a mão de Maria Helena. Ela desprende-se, mas João agarra-lhe outra vez. Maria Helena ralha sem zanga:

-Magoas-me...

[...] Está na mina quando vem recado da casa das senhoras, para lá chegar. Maria Helena espera-o no escritório.

-João, um de nós tem que ir embora do Marandal, depressa.

-Vou eu, menina.

Vira as costas e sai. E nunca mais ouviram falar dele no Marandal (MENDES, 1981, p. 44).

Ao retornar as terras do Ridjalembé, após uma viagem de seis anos por lugares distantes, primeiramente vai visitar e entregar os presentes que havia comprado àquela que mais dava conforto e segurança a sua estirpe e, portanto, a sua memória, a avó Alima, entretanto, esta já havia morrido, então, mais uma vez, foge, desloca-se em sua própria terra natal, todavia, desta vez, o seu deslocamento não foi em direção a uma fuga externa somente, sobretudo interna. A sua fuga, na verdade, se expressa como sinônimo de repressão.

Os seus sentimentos são abalados na alma. Pois a avó Alima, mais conhecida como negra velha Alima, era a única figura que remontava as suas fiéis origens, tanto que somente ela permanece nas terras do Ridjalembé, resistindo, corajosamente, a qualquer invasão ou deturpação de sua terra querida durante as investidas dos colonizadores em seu vilarejo. Vejamos a voz cansada, triste, mas convicta da avó Alima: “Já ninguém tem a mim e eu não tenho ninguém. Não quero mais. Acabou. E agora, por favor, deixa a mim só. Deixa a mim só, até eu ter morrido e os pássaros da terra do Ridjalembé terem comido os meus olhos” (MENDES, 1981, p. 9).

Algum tempo depois, conhece a mulata Luísa, seu novo amor, uma nova chance de pertencimento é aberta, uma sensação de alegria é sentida e o acalenta por algum tempo, mas não por muito. João Xilim passava dias e dias fora de sua casa, pois trabalhava num local distante do vilarejo (o Kaniamoto) para trazer o sustento diário a sua família, e, conseqüentemente, distanciava-se da companhia de sua mulher. Como resultado, Luísa sente a sua falta. Com a ausência do marido, começa a traí-lo com vários outros homens, assumindo e consentindo a sua prostituição pelo

afastamento dele, porque Xilim sempre chegava cansado e só queira saber de comer e dormir para recomeçar tudo novamente no dia seguinte.

Ao descobrir que sua esposa estava a lhe “enfeitar a cabeça”, resolve fazer justiça com as próprias mãos. Durante uma festa no campo de futebol do Invencível, João Xilim descontrola-se e com um punhal quase mata a mulher. Com isso, Xilim é mandado a julgamento e sentenciado a uma prisão de cinco anos e, lá, num presídio chamado de Fortaleza, é confinado ao cárcere de si mesmo. Foge mais uma vez, mesmo que tenha sido agora por meio do cumprimento de uma pena judicial, ou melhor, foge para receber novamente a sua autopunição.

Na prisão, João Xilim tem como único objetivo em cumprir os seus cinco anos de sentença e sair de lá o mais rápido possível para que assim pudesse ter uma nova chance de um recomeço. Para isso, precisava ter um comportamento exemplar, fugindo de qualquer envolvimento relacionado às ordens do dono do “pedaço”, o negro Izidro ou também conhecido como 109. Deste modo, a sua pena poderia ser reduzida:

Mas o mulato foge à influência dos momentos emocionais provocados pelo procedimento do 109. Furta-se a qualquer tendência para adaptação a novo meio, que terá de suportar durante cinco anos. Acabar a pena e se distinguir dos restantes presos, é a sua única preocupação (MÉNDES, 1981, p. 69).

O encarceramento de si próprio promove uma reflexão sobre a vida que levou até ali: o envolvimento de sua mãe com o patrão Campos; Maria Helena impondo-lhe o exílio; Fogueiro Jaime lhe introduzindo na vida desregrada; Luísa e a sua traição com o cantineiro dono da loja do Caju; “Dr. Ramires falando no tribunal da infelicidade dos mulatos desde a barriga da mãe” (MÉNDES, 1981, p. 70). Todos os sentimentos que o exilaram de sua terra, de suas tradições e da impossibilidade de concretizar os seus desejos vêm à tona, já que a prisão, sendo um espaço de exclusão, lhe impõe uma autorreflexão e, ao mesmo tempo, a chance para rever sua vida e os resultados obtidos até então, ou mesmo a falta deles.

Na prisão de si mesmo, ele pode experimentar o seu próprio

olhar voltado a sua imagem, com isso, as questões relacionadas à sua cor são fortemente reavivadas, só que desta vez ele tem um projeto convicto a cumprir: sair dali o quanto antes e retomar aos poucos o ritmo de sua vida.

Todavia, por mais que se esforce para contornar as situações de desprezo, a sua trajetória está determinada a muitas dores, o cárcere lhe envolve novamente a um espaço de preconceitos e injustiças sociais exacerbados. Lá, Izidro o ofende e coloca-o contra boa parte dos presidiários, pois a desconfiança do 109 vinha da cor mulata de João Xilim, sua eterna companheira de muitas dores e decepções: “-Vocês não confiem nele. Mulato não é gente de confiança. Tem sangue de branco. Não quer saber da sorte de preto para nada! Já ensinaram a ele maneira de tramar a gente” (MENDES, 1981, p. 70).

Portanto, João Xilim é visto como um intruso, pois ganha a confiança dos guardas devido ao seu bom comportamento. Como consequência, Izidro achava que Xilim estava ali de espião, que não tinha cometido crime algum: “O mulato representa, para ele, um elemento duvidoso, colocado entre os presos numa missão que não poderá ser de solidariedade” (MENDES, 1981, p. 74).

Então, para por à prova a sua desconfiança, Izidro arma uma emboscada no presídio, já que previa que os guardas mandariam o mulato Xilim como intermediário para resolver o incidente, assim, ficaria a sós com ele e o mataria. Como previsto, João Xilim é mandado para intermediar a situação provocada na tentativa de conseguir resolvê-la. Ao chegar ao local do motim, Izidro descarrega sobre eles as mais preconceituosas e difamantes ofensas, cuspidando-lhe na cara e chamando-o de “filho de um branco!” Este xingamento fez acender nos sentimentos de Xilim um profundo questionamento sobre as suas atitudes para com aqueles que eram de sua cor, ou mesmo os seus ascendentes mais próximos. Essa reflexão resulta, por fim na sua tomada de partido pelos negros ali presos, pois ao invés de atirar em Izidro, ele atira no “chaveiro” que vinha furiosamente decidido a matar os “negros malditos”; entre os tiros disparados pelos guardas, após esta iniciativa de Xilim, um deles acerta Izidro, e ele tem seus últimos minutos de vida voltados para a rendição, pois antes que João Xilim contasse que foi ele o responsável pela morte do chaveiro,

Izidro interpõem-se e diz aos guardas:

Sim, eu matei a ele. João Xilim matou a mim...
E o velho sentenciado olha para o mulato com uma tão angustiada súplica, que este de novo se debruça sobre o seu corpo, agora acabado, para lhe fechar os olhos piedosamente (MENDES, 1981, p. 77).

Esta passagem é muito significativa para a retomada do caminho de João Xilim e por isso foi destacada aqui, pois o título do romance, *Portagem*, agora ganha mais propriedade aos possíveis significados que o envolvem, já que representa a base para o cumprimento efetivo ou negativo do destino de João Xilim. *Portagem*, segundo o dicionário Houaiss, significa o posto onde se paga o pedágio, isto é, para que se siga caminho é necessário pagar uma taxa, caso contrário, você é impedido de seguir. Ou seja, por meio da alegoria presente no título, quando o mulato João Xilim consegue superar os problemas existentes entre o ser mulato – intermediário entre branco e negro – defendendo a posição dos negros no capítulo doze, a personagem assume a sua identidade, configurando e efetivando uma de suas “passagens”, haja vista que muitos outros obstáculos serão colocados em seu percurso, fazendo-o cruzar este simbólico pedágio para conseguir alcançar a sua identidade plena, ou mesmo a manutenção e o desejo deste sentimento utópico como alimento da sua peregrinação.

Este fato corrobora a inadaptação prevista ao percurso de Xilim, pois como ele necessita passar, literalmente, por muitas provas em sua vida, como: a luta por sua condição social, racial, ancestral, enfim, essas circunstâncias o colocam em contato com um ambiente muito heterogêneo, não o permitindo de ver o diferente como parte do todo, com isso, inúmeras “passagens” são canalizadas como constituintes de sua trajetória. Por isso que o espaço da solidão acaba sendo uma realidade da personagem, porque o “não-lugar” é uma companheira de seu destino, a vida entre fronteiras e inúmeros “embarques” marcam um herói com um itinerário sem fim, muitas vezes identificando em seu interior um deslocamento para dentro de si mesmo, uma viagem interior por fim:

Os não-lugares são tanto as instalações necessárias à

© drama de
um mulato: As
“portagens” de
João Xilim por
Moçambique
Colonial

217

circulação acelerada das pessoas e bens (vias expressas, trevos rodoviários, aeroportos) quanto os próprios meios de transporte ou grandes centros comerciais, ou ainda os campos de trânsito prolongado onde são alojados os refugiados do planeta. Porque vivemos uma época também sob esse aspecto, paradoxal: no próprio momento em que a unidade do espaço terrestre se torna pensável e em que reforçam as grandes redes multirraciais, amplia-se o clamor dos particularismos, daqueles que querem ficar sozinhos em casa ou daqueles que querem encontrar uma pátria, como se o conservadorismo de uns e o messianismo dos outros estivessem condenados a falar a mesma linguagem – a da terra das raízes (AUGÉ, 1999, p. 36-37).

Por meio da impermanência e da errância de seu destino, a personagem exila-se profundamente, ou melhor, coloca-se à deriva de sua vida, sempre impossibilitado de encontrar a rota mais pertinente a sua caminhada pelas terras do Ridjalembe e do Marandal.

O colonialismo exerceu uma força destrutiva em Moçambique, tanto que o respeito à população local é simplesmente esquecido. No romance, esta representação vem à tona no capítulo 19, em que um grupo de negros e brancos chega ao vilarejo do Ridjalembe e expulsam a população de suas palhotas⁶, alegando que os brancos, donos das terras, iriam construir naquela área casas para eles morarem. Com isso, observa-se não somente o deslocamento do mulato Xilim, sobretudo, de toda uma nação posta à margem de seu próprio destino, já que a força impositiva deste sistema cruel, devastador e desumano impera os seus ditames numa terra seca e violentada.

O que é também importante salientar neste trecho é a reação das personagens que, sem ao menos entenderem o que estava acontecendo factualmente, acabam consentindo a ordem, acreditando que a mudança era necessária e que ganhariam um novo lugar para as suas palhotas, enquanto as casas dos brancos eram construídas. Por meio de um discurso eloquente, repleto de progresso e modernidade, usam da ingenuidade e da ignorância

⁶ “É o nome dado, em Moçambique, à habitação precária rural construída com uma estrutura de troncos e ramos preenchidos com palha, sob o chão de terra batida. Essas casas redondas ou retangulares, consoante as regiões, sendo as primeiras, como regra geral, de uma única divisão e as segundas, com frequência, de duas divisões. Em alguns pontos do país, as paredes e o chão são revestidos de argila seca. Estas são designadas palhotas maticadas. O telhado é de palha e, em algumas do litoral norte, de macuti (folhas de palmeira).” José Luís Cabaço, *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 79.

da população humilde e miserável para persuadi-los: “A gente vai mudar as nossas coisas para o terreno que vão dar e **um dia** eles hão de fazer também casas boas para a gente morar” (MENDES, 1981, p. 118) (grifo meu).

João Xilim, embora tenha tudo para comportar-se como um indivíduo fracassado, intrinsecamente mantém a característica de um herói subversivo que tem as atitudes em florescimento perante momentos em que visualiza a desigualdade e a injustiça, pois, apesar de sofrer contra todas as forças que denigrem a sua estirpe, ele ainda é o redentor do vilarejo, é o único que, teoricamente, não deveria se expor, mas, sendo um dos poucos representantes da “voz emancipatória e contestatória” ainda em afronta ao poder instalado, se vê na obrigação de clarear estas crueldades à massa populacional do vilarejo, e eis que profere as seguintes palavras em tom de indignação:

- Vocês não acredita neste mulato gingado! Vida dele é de branco! Vida da gente é de negro! A gente não precisa desta conversa! A gente faz aqui as nossas casas a muito tempo, não é? Para que vão mandar a gente embora? Onde está o dinheiro? **Pais de vocês e pais de pais de vocês não morava já aqui?** Não é os pés da gente que pisa este terreno? Tem muito lugar para os brancos fazer as suas casas! Para quê vão correr a gente daqui? (MENDES, 1981, p. 119) (grifo meu).

Recuperando a voz dos antepassados e por meio dela resistindo ao domínio do colonizador, Xilim tenta abrir os olhos dos seus conterrâneos e colegas, no entanto, uma única voz, por mais que inspire uma significativa e pequena parte de adeptos, não encontra meios para lutar contra todo um regime de homens convictos de conterem a civilidade humana, no máximo exaltar-se-iam, já que a voz que pulsa da margem era sufocada ao silêncio.

Num átimo de segundo, após João Xilim proferir a sua indignação, surge um dos encarregados e diz estas palavras ao mulato: “- Sai já daqui para fora! Vocês estão todos aqui por favor e ainda refilam! Sai, filho da...! Mulato duma figa!” (MENDES, 1981, p. 119).

Em meio ao caos que estavam vivenciando, sem ter como fugir de seus destinos senão aceitar a condição de exilados da terra, caminham com os objetos posto à cabeça sem olhar para

trás, em busca de um momento no qual a esperança e o desejo de mudança estejam presentes.

Com isso, por mais que João Xilim tente correr e fugir de seu fado, ele já está predestinado ao fracasso, ao desgosto e a desilusão, já que quanto mais foge mais se distancia de si mesmo, corroborando o grande vazio e solidão que assolam o seu ser. Mesmo que muitas personagens tenham tentado ajudá-lo indiretamente a reconhecer-se e a descobrir-se, ele sabe que o auxílio foi em vão, porque ele está só no mundo, *em sua ilhota do silêncio*, pois que culpa tem se o abraço de “amor” de seus pais teve uma interpretação infamada pela sociedade em que vive:

Clauber Ribeiro Cruz

220

na barriga da mãe, moleque em casa de D. Laura, menino da infância de Maria Helena, testemunha do abraço da negra Kati e de patrão Campos, capataz da mina do Marandal, amante ilegítimo, emigrante sem passaporte, número extra entre os sentenciados negros, contrabandista, vingador despercebido. Procura dolorosamente outros destinos que se entrelaçam no seu. É no seu coração nunca houve amor e ódio verdadeiros. Apenas desgostos, insuficiências e cansaços. E, mandando na vida dele, quatro destinos de mulher. Está só no mundo, mas sabe que agora que avó Alima, negra Kati, menina Maria Helena e mulata Luísa lhe deram consciência de homem traído. Mas, recordando-se delas, descobre-se lentamente. O erro fundamental que comprometeu a paz da sua vida, foi o abraço da mãe Kati e de patrão Campos, esse abraço que fez dele um ser duma nova raça infamada (MENDES, 1981, p. 169).

Talvez o título do romance abrigue uma grande ironia do autor-criador, pois o pedágio que terá que pagar para alcançar a sua plenitude nunca venha a ser transposto, visto que muitos deles são postos em seu caminho, mesmo que faça algumas ultrapassagens, sempre volta para onde tudo começou e, mais, cada vez que não consegue ir adiante, uma maior fragilidade vem como companheira de sua solidão, distanciando-o cada vez mais da sua felicidade e daqueles que participam conjuntamente do seu percurso.

Ao longo da composição geográfica-sentimental do herói, muitas relações foram sendo entretecidas, das quais os laços da sua memória e de sua história iam se conectando a fim de fortal-

ecer a sua estirpe, todavia, como boa parte das suas lembranças encontram-se mortas em seu passado, não vindo agir sobre o seu presente, a possibilidade de configuração de sua identidade, seja ela edificante ou não, acabam não confluindo por meio das tantas “portagens” proporcionadas pela narrativa nos diversos momentos em que ela possibilita a (re)construção sócio interacional e sentimental de João Xilim.

Por fim, o mulato clandestino tem pela frente um grande desafio: lutar pela (re)construção de seu lugar e pelo (re)conhecimento de sua terra, unindo a experiência externa e interna que teve de seu país. Terá que criar novos laços por meio de suas novas relações sociais, ou mesmo reatar as alianças deixadas no passado, para que assim busque a reconstituição de sua identidade fragmentada por tantas idas e vindas que o deslocaram geograficamente e, sobretudo, afetivamente/subjetivamente. João Xilim, sendo um ser nascido num espaço estrangeiro numa cor repelida por todos, terá que lançar mão destas vivências a seu favor, (re)construindo sua trajetória e provando que sua cor é sua dor, mas, também, poderá ser sua salvação, caso encontre o equilíbrio dentro deste mosaico de múltiplas heterogeneidades em que habita.

Representations of homoaffectivity in the short story Brokeback Mountain: relevant (contra)dictions

Abstract: This essay will reveal the relations between Mozambican writer Orlando Mendes' novel *Portagem* and the historical context in which the work is created: Portuguese colonialism. Through an oppressive and domineering panorama, the novel emphasizes the human drama of a whole nation, as centered on the main character of the novel, the clandestine mulatto João Xilim, whose great agonizing non adaptability confronts an environment surrounded by fear and insecurity. Born of the encounter between colonizers and colonized, the dramas of a mulatto are highlighted in the analysis, given the relations established by the author-creator between nation and narration, which converge to the fate of a mulatto in order to represent the desire for new African times. Therefore, the reflections between literature and history will merge in João Xilim's fate, exposing

the moment of the struggle for the political and literary liberation of an entire nation

Keywords: Mozambican Literature. Portage. Colonialism. Orlando Mendes

Referências

AUGÉ, MARC. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

CABAÇO, José Luís. *Moçambique: identidade, colonialismo e liberdade*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CHABAL, Patrick. *Vozes moçambicanas: literatura e nacionalidade*. Lisboa: Vega, 1994.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Tradução de Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. 2ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MENDES, Orlando. *Portagem*. São Paulo: Ática, 1981.

_____. *Portagem*. Maputo: Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1981.